

A MEMÓRIA VESTIDA: RELAÇÕES ESTABELECIDAS E MEDIADAS ATRAVÉS DAS ROUPAS DE FAMÍLIA

*THE MEMORY IN CLOTHES: RELATIONS ESTABLISHED AND MEDIATED THROUGH FAMILY
CLOTHES*

Dias, Caroline Pereira; mestranda; Universidade Federal de Santa Maria,
caarol.cadi@gmail.com¹
Zanini, Maria Catarina Chitolina; Doutora; Universidade Federal de Santa Maria,
zaniniufsm@gmail.com²

Resumo: O presente artigo busca trazer algumas reflexões sobre relações estabelecidas e mediadas através de peças de roupas, as quais são herdadas e mantidas dentro de grupos familiares. O ponto de partida destas reflexões é uma camisola simples que minha mãe herdou após o falecimento da mãe dela.

Palavras chave: Moda; Memória; Família;

Abstract: This article aims to bring some reflections about relations established and mediated through family clothes, which are inherited and kept inside family groups. The starting point of this reflections is one simple nightgown that my mother inherited after her mother passing.

Keywords: Fashion; Memory; Family.

Introdução

Como salvar “os traços” de alguém que já se foi? Como guardar suas lembranças e fixar seus traços que nos escapam? E, por que guardamos roupas que nos foram legadas por familiares – vivos ou não – que não podemos usar? Seja porque não servem, ou porque não estão “na moda”.

O nosso redor é abundante em objetos cotidianos: desde onde alcança os olhos até onde apenas a memória abarca. E, se por um lado as nossas vivências e nossas interações estão em constante mudança, os objetos que nos cercam são uma permanência. Alguns destes objetos são tão comuns e cotidianos que quase nos esquecemos deles...

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/ UFSM (2022); Bacharela em Desenho Industrial Projeto de Produto/ UFSM (2018).

² Pós-Doutora Museu Nacional/ MN-UFRJ (2008); Doutora em Ciências Sociais/ USP (2002); Mestra em Antropologia/ UNB (1987); Graduada em Ciências Sociais/ UFRGS (1987). Professora titular na Universidade Federal de Santa Maria; Coordenadora do NECON/ UFSM (Núcleo de Estudos Contemporâneos).

O presente artigo traz algumas inquietações iniciais que deram origem ao meu projeto de mestrado aprovado no ano de 2022. É um recorte de questões e reflexões já colocadas e que darão origem, em breve, ao desenvolvimento da dissertação. Ao me debruçar sobre a questão de como guardar lembranças fugidias, amparada pelos objetos, que objeto está mais próximo de nós se não a roupa? De modo que adentro nessa reflexão por meio de uma camisola antiga que minha mãe Neli (1951- -) herdou da mãe dela, Adeonides (1929-1997). E, a partir que questões que este objeto suscitou em mim, procuro refletir sobre como esse objeto pode ser pensado, que lugar ele está ocupando e que questões pode vir a esclarecer – ou que novas perguntas pode colocar.

E, no intuito de pensar essas questões, procuro articular, principalmente, as ideias de Maurice Halbwachs (1990), Ecléa Bosi (2004), Peter Stallybrass (2007), Octave Debary (2010) e Daniel Miller (2013).

Memória na e da família

Por que a família? O grupo familiar ocupa um espaço central em nossas vidas, uma vez que nos forma, desde a mais tenra idade, para a vida em sociedade e, nesse processo de formação e transformação do ser social, a família concebe e conserva nossas memórias primevas.

De onde vem, ao grupo familiar, tal força de coesão? Em nenhum outro espaço social o lugar do indivíduo é tão fortemente destinado. Um homem pode mudar de país; se brasileiro, naturalizar-se finlandês; se leigo, pode tornar-se padre; se solteiro, tornar-se casado; se filho, tornar-se pai; se patrão, tornar-se criado. Mas *o vínculo que o ata à sua família é irreversível*: será sempre o filho da Antônia, o João do Pedro, o "meu Francisco" para a mãe (BOSI, 2004, p. 425, grifo meu).

‘A importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas’ (BARROS, 1989, p. 33).

Ao passo que, partindo do conceito de memória coletiva³, Alexandre (1990, p.21) afirma que ‘não podemos pensar nada, não podemos pensar em nós mesmos, senão pelos outros e para os outros [...]’. Maurice Halbwachs pensa a memória, enquanto fenômeno social e coletivo, a partir dos *quadros sociais de memória* - representações coletivas: *família*, igreja, escola, trabalho -, de

³ Halbwachs (1990).



modo que as memórias não concernem apenas ao indivíduo, mas principalmente às relações do indivíduo com os quadros sociais. Ainda, a partir de Halbwachs, é fundamental acrescentar que *lembrar* não é renascer literalmente o fato ocorrido, mas reconstituí-lo, repensá-lo, atualizá-lo com as ideias do presente; pois a lembrança é imagem (re)construída a partir dos materiais aos quais temos acesso no presente e que habitam nossa consciência na atualidade (Bosi, 2004, p. 17).

O indivíduo nunca está sozinho, embora pareça só, ele ainda faz parte da sociedade e ainda desempenha os seus papéis sociais, de modo que ele dá um *senso de realidade*⁴ às suas lembranças através dos – e em conjunto com – outros.

E, se esse senso de realidade é elaborado em conjunto com ‘outros’, esse *outro* é sempre um indivíduo vestido. Pois Turner (2012, p. 486) salienta que o homem nasce nu, mas é vestido em todos os lugares (seja de roupas ou de seus equivalentes simbólicos). De modo que, é possível pensar que ‘a memória excede o campo humano e assume os objetos como parte complementar de sua existência. Eles são tão importantes quanto os indivíduos que vivenciam essas experiências’ (FERREIRA, 2015, p. 160).

Considerando que a família aparece como um grupo privilegiadamente situado: quadro social para Halbwachs (1990) e grupo socializador para Berger e Luckmann (2004, p. 175). Ainda, Alexandre (1990, p. 23, grifo meu) afirma que ‘[...] nossas primeiras lembranças e, por conseguinte, a trama de todas as outras, não são trazidas e conservadas pela *família*?’. E, cada família, em conformidade com Barros (1989), conserva uma série de objetos – no meu caso a camisola –, de certo modo sagrados, que possuem o potencial de sintetizar sua importância, a importância de suas relações e de seus papéis familiares. Sendo estes *objetos integrantes* da história dessas famílias, portanto:

[...] relíquias familiares. [...] imagens e objetos que documentam a memória da família. [...] As fotografias, certamente, não são o único bem que o guardião do acervo fotográfico coleciona. Outros objetos participam do afã colecionador do guardião.- cartas, "santinhos", medalhas, vasos, móveis. Todos juntos são elementos a serem preservados e reunidos, compondo um pequeno museu (BARROS, 1989, p. 37, grifo meu).

Somos cercados por um sem fim de objetos, ou, como disse Gonçalves (2007, p. 14) por uma ‘teia de objetos’. Os objetos de nosso entorno, conforme Bosi (2004, p. 441), ‘mais que um

⁴ Para Halbwachs (1990) esse senso de realidade é primordial para que as memórias sejam repensadas.



sentimento estético ou de utilidade, nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade'. Ainda, Debary (2010) afirma que os objetos atuam como *pontes* (de memória) que conectam os indivíduos no presente a um passado que esses objetos vivenciaram. E que objeto está mais próximo de nós que não a roupa? Não há lugar onde o corpo não esteja recoberto – seja de roupa ou de seus equivalentes simbólicos – de cultura e é através dessas camadas que cobrem a pele que se constituem quem são os sujeitos e o modo como querem se apresentar ao mundo (TURNER, 2012, p. 486; MILLER, 2013, p. 62-63).

A moda como *ponte* (de memória)

Quando Adeonides (Figura 1), a mãe de minha mãe faleceu, minhas tias fizeram entre elas uma partilha: dividiram os poucos bens que minha avó possuía, conforme o que cada uma gostaria de guardar. Neli, minha mãe, ficou com uma camisolinha branca em tecido de algodão simples.

Figura 1 – Dona Adeonides da Rosa Pereira.



Fonte: acervo da autora, 2022.

Meu contato com minha avó foi escasso, marcado por afetos, distâncias, saudades... E, toda vez que penso em minha avó, imagino-a vestindo a camisola: branca, estampada com pequenos raminhos azuis e com flores de pétalas cor-de-rosa (Figura 2). Possui, ainda, uma golinha em bordado inglês, uma lapela com as mesmas flores cor-de-rosa e raminhos azuis bordados e fechamento com pequenos e simples botões na frente: há uma atmosfera sinestésica ao olhar para a camisola...

Figura 2 – Camisola de Adeonides.



Fonte: acervo da autora, 2022.

Que potência é essa que a camisola de Adeonides possui? O que faz com que guardemos, algumas vezes por longos anos, roupas que nos foram legadas por familiares? Roupas puídas, manchadas, desgastadas - roupas com memória, como disse Stallybrass (2008) - e que jamais poderíamos usar? Possivelmente se alguém externo ao meu núcleo familiar pousar os olhos atentamente sobre esse objeto, certamente considerará ser passível de descarte. Estes objetos cotidianos e passíveis de descarte, para Debary (2010, p. 27), não são *apenas* objetos de segunda-mão, são também testemunhas ‘vivas’ da vida de quem os possuiu.

A camisola, através da sua *materialidade*, propicia um *senso de realidade* às minhas memórias. Miller (2013, p. 22-23) afirma que as roupas não são simples receptáculos ou meros representantes dos sujeitos que as vestem, mas acima disso, as roupas são partes constitutivas dos sujeitos: ‘as roupas não são superficiais, elas são o que faz de nós o que pensamos ser’. Os objetos nos fazem, tanto quanto nós os fazemos.

A roupa é um objeto tangível, a qual tem o poder não só de nos constituir, mas também de ‘guardar’ quem já a usou: a forma, o cheiro, o suor, um puído, um rasgado daquele dia... ‘a roupa tende, pois, a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente’ (STALLYBRASS, 2008, p. 14). De forma que as roupas são presença em nossos corpos, nossas memórias, nossas socializações, nossas construções enquanto sujeitos sociais:

Adornando, cobrindo, descobrindo ou de outros modos alterando a forma humana de acordo com as noções sociais de adequação rotineira ou vestimentas sagradas, beleza ou solenidade, status ou mudança de status, ou na ocasião de violações ou inversões de tais princípios, parece ter sido motivo de preocupação em todas as sociedades humanas de que temos conhecimento. Esse fato objetivamente universal é associado com outro de natureza mais subjetiva – de que a superfície do corpo parece ser tratada em todos os lugares, não somente como o limite do indivíduo enquanto entidade biológica e psicológica, mas também como a fronteira do ser social (*self*) (TURNER, 2020, p. 486).

Embora tenha convivido pouco com minha avó e não lembre com clareza de vivências com ela – de modo que não sei dizer o que foi vivido e o que foi imaginado –; a camisola é minha *ponte* com Adeonides, é a prova de sua existência e de que fui e sou ligada a ela. Pois o que era físico e material nela já se foi, mas a *materialidade* da roupa transcendeu a vida dela e certamente transcenderá a nossa, criando vínculos entre gerações: ‘uma rede de roupas pode efetuar as conexões do amor através das fronteiras da ausência, da morte, porque a roupa é capaz de carregar o corpo ausente, a memória, a genealogia, bem como o valor material literal’ (STALLYBRASS, 2008, p. 26).

Essas relíquias, esses objetos, que são sacralizados no grupo familiar, compõe um ‘*pequeno museu*’ como sugere Myriam Barros. Esses itens constituem um museu de nós mesmos: das nossas famílias, das nossas histórias, dos nossos percursos; esses pequenos museus privados produzem um arquivo das nossas vidas. Nesse sentido, é através desse trânsito de arrumar, desarrumar e rearranjar esses arquivos que construímos uma imagem de nós mesmos, que damos sentido ao ordinário e passamos a entender um pouco melhor quem somos (ARTIÈRES, 1998, p. 2).

Os ‘objetos não são apenas partes de um passado, mas símbolos da família, dos laços de descendência, que podem ser transcritos como bens que contêm uma história’ (BARROS, 1989, p. 36). E, desse modo, são constitutivos das memórias reavivadas, recontadas, transmitidas no presente. Logo, na articulação entre moda, memória e família, há um campo de investigação prolífico que pode suscitar esclarecimentos, bem como, novas questões. Pois, é no grupo familiar que ‘o jogo da memória e da identidade se dá a ver mais facilmente’ (CANDAU, 2021, p. 137).

Considerações Finais



Há coisas que guardamos, não apenas para nós, mas também para os outros. Seja com a intenção de arquivar nossas vidas, como sugere Artières, ou para passar adiante memórias e narrativas que não seriam trazidas à tona, não fosse o senso de realidade que esses objetos suscitam. Há coisas que vendemos, doamos, descartamos... Mas há aquelas que guardamos com afeto e afimco. O que dizemos sobre elas? E o que elas dizem sobre nós? Parece-me que nessa intersecção entre moda – especificamente roupas cotidianas –, memória e família pode nos levar a refletir e fabular sobre questões que tangem o campo da moda, da antropologia, da sociologia, entre outros.

Destacando que a moda, enquanto fenômeno social, talvez seja capaz de responder – devido à materialidade de seus objetos – questões que estão até agora dormentes, esperando pelo objeto de estudo ‘certo’.

Referências

ALEXANDRE, J Michel. Introdução. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990. p. 18-23. Tradução de Laurent Léon Schaffter.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 11 set. 2022.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, jun. 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2277>. Acesso em: 11 set. 2022.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. Tradução de Floriano de Souza Fernandes.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2021. Tradução de Maria Leticia Ferreira.

DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. **Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 26-44, ago. 2010. Disponível em: <https://periodico.s.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9547>. Acesso em: 11 set. 2022.

FERREIRA, Diego Jorge Lobato. In: **MODA DOCUMENTA: Museu, Memória e Design 2015**. Anais do Congresso Internacional de Memória, Design e Moda, São Paulo, 2015. São Paulo:



MIMo/Estação das Letras e Cores Editora, Ano 2. n 01. v. 01. p. [157-170]. Disponível em: <<http://www.modadocumenta.com.br>>. Acesso em: 11 set. 2022.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007. (Coleção Museu, Memória e Cidadania).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990. Tradução de Laurent Léon Schaffter.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Tradução de: Renato Aguiar.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória e dor. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Tradução de: Tomaz Tadeu.

TURNER, Terence S. The social skin. **Hau: Journal of Ethnographic Theory**. London, p. 486-504. set. 2012. Disponível em: https://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/ha_u2.2.026. Acesso em: 11 set. 2022.